

Educomunicação nos Movimentos e Organizações Populares

Anderson Moreira¹

A discussão sobre a relação entre comunicação e educação não é algo tão recente como se pode imaginar. Nos anos 1960, Paulo Freire criticava em “Pedagogia do Oprimido” o que ele chamou de “educação bancária”, na qual um “emissor” (no caso o professor) fazia “transferências” (o conteúdo das disciplinas) a um “receptor” (o aluno). Seguindo a mesma linha de Freire, percebeu-se que não se pode pensar num processo dialógico de comunicação sem levar em consideração as especificidades dos meios e as mediações entre os sujeitos que se comunicam. Neste processo, os estudos sobre a relação entre comunicação e educação, especialmente a partir da segunda metade do século XX, foram fundamentais. Soares (1999) destaca que contribuíram para estes estudos: Burrhus Skinner, que desenvolvia experiências de ensino por objetivos com o uso de processos e recursos tecnológicos observáveis e controláveis; Célestin Freinet, para quem a educação é sinônimo de expressão e não pode existir sem interlocutores; e Paulo Freire, defensor de uma educação libertadora, que se utilizava de ferramentas de comunicação em suas práticas educativas.

O avanço dos estudos sobre a relação entre comunicação e educação no Brasil pode ser visto na pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP no final da década de 1990. A pesquisa chegou à conclusão que a interrelação Comunicação Social e Educação se configura como “um campo de intervenção social específico” (SOARES, 1999, p. 19). Desde então cresceu o interesse pelo estudo da interface e, como relata Soares (2011a), chegou-se a algumas conquistas como a sanção da “Lei Educom” em 2004 no município de São Paulo e a criação, em 2011, do primeiro curso de Licenciatura em Educomunicação pela USP.

Soares (1999) afirma que a interface comunicação/educação (ou *Educomunicação*) é um *campo* que surge a partir do movimento popular da América Latina. O pesquisador revela que este campo já se formou, conquistou autonomia e está em processo de consolidação. A educomunicação não deve ser entendida como uma “nova disciplina, fechada em seus limites”, mas antes, “um *novo paradigma discursivo transversal*, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas”. (SOARES, 1999, p. 27, *grifo do autor*). Para o autor, a educomunicação deve ser entendida como uma “práxis social”, originária de um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade, com uma lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social.

O Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo – Cefuria, ao longo de sua trajetória de mais de 30 anos sempre desenvolveu ações relacionadas à educação e à comunicação. Nos anos 1990 o Centro dividia suas áreas de atuação em formação, comunicação e apoio/articulação. No entanto, o planejamento realizado pelo Centro para o ano de 1995 previu, dentro da área considerada comunicação, ações que também poderiam se relacionar com a área de formação: Capacitação técnica e política: Curso de capacitação básica em vídeo popular; Curso de capacitação técnica da equipe; Oficina avançada de vídeo-produtora e TV comunitária; Curso de comunicação para mulheres. Já no planejamento para o triênio 1997-99 a organização previa ações nas áreas de formação, articulação e experiências comunitárias, inserindo dentro da primeira a produção mensal de subsídios (vídeos, folders, cartazes, cartilhas, panfletos e informativos). O termo “subsídio” reforça a ideia de que as produções em comunicação tinham finalidade formativa (ou seja, de educação).

¹ Este texto contém uma síntese da dissertação de mestrado “O perfil e a atuação dos/as comunicadores/as em projetos de educomunicação dos movimentos populares”, elaborada para a etapa de comunicação da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária.

Em 2004 o Governo Federal criou o programa “Cultura Viva”, que dentre outras iniciativas estabelecia o apoio aos chamados “Pontos de Cultura”, que eram projetos realizados por entidades cujo foco era a realização de ações voltadas para arte, música, dança, vídeo, comunicação, entre outros. O Cefuria foi contemplado em um dos editais para criar o “Ponto de Cultura AudioProdutora Popular”. A AudioProdutora realizou quatro cursos de formação em rádio voltados para adolescentes e jovens. Entre os conteúdos ministrados estavam: comunicação e educação popular, economia solidária, técnicas de reportagem, radionovela e radioteatro.

Uma das produções interessantes e criativas produzidas pelos jovens foi “O sapo que lavou o pé”. Originalmente uma peça de teatro criada para crianças de 2 a 10 anos, foi transformada durante o curso da AudioProdutora em um radioteatro e, em seguida, em um stop-motion (técnica de animação que envolve fotografia e vídeo). Conta a história de um sapo que não lavava o pé, pois sua lagoa estava poluída, Sócolinha e Dr. Sabichão ajudam o sapo a revitalizar a lagoa, despoluindo-a e recuperando sua mata ciliar. O vídeo é ideal para atividades de educação ambiental com crianças.

Todas as vozes e a trilha sonora foram gravadas no estúdio do Ponto de Cultura. Aliás, o “rap do Dr. Sabichão” foi criado pelos jovens e os efeitos sonoros foram baixados da internet e incluídos na história durante a edição. A história pode ser assistida neste link: <http://migre.me/pRXiC>.

REFERÊNCIAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Revista Contato, Brasília, ano 1, n. 2, p. 19-74, jan./mar., 1999.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011a.